

## William Shakespeare: *Hamlet* e o cinema

Moacir Barbosa de Sousa\*

### Resumo

Com produção e direção de Sir Laurence Olivier, ele próprio atuando como o personagem título, *Hamlet* não é somente a melhor peça de William Shakespeare já filmada, mas também um dos filmes presentes na maioria das listas dos melhores do mundo em todos os tempos. A adaptação de uma obra literária levanta algumas questões: quais os limites entre a Literatura e o Cinema? A adaptação deve ser fiel à obra, ou pode haver uma “recriação”? Como fica a linguagem específica do Cinema? O *Hamlet* de Sir Laurence Olivier não é teatro filmado em virtude da experiência da ribalta do seu diretor/ator. O que deve ser observado na transposição para o Cinema, é que o cuidado na adaptação seja proporcional à importância e complexidade da obra literária.

**Palavras-chave:** Teatro. Cinema. Literatura. Crítica.

### Cinema e literatura

A partir da década de 60 surgiram os primeiros trabalhos sobre análise fílmica e teoria do cinema que iriam influenciar a chamada sétima arte e a literatura, comprovando que o cinema pode privilegiar a narratividade promovendo a convivência entre os discursos cinematográfico e literário: ambos contam alguma coisa através das suas linguagens peculiares. Vive-se, atualmente, o século da imagem, onde a tecnologia domina o imaginário. O cinema, ao criar imagens, não fala das coisas como na literatura, mas as mostra.

Após seu nascimento, até o advento do som, o cinema esnobou a palavra. Carlitos, o genial palhaço, chegou a declarar que detestava os *talkies* (filmes sonoros), pois acreditava na força suprema da imagem pura: a mímica se encarregaria de contar tudo. Quando aprendeu a falar, o Cinema foi buscar elementos na Literatura, assim como já o tinha feito com o Teatro e a Fotografia, criando uma delicada questão quando uma obra literária é adaptada para o cinema: quais os limites entre a Literatura e o

---

\* Professor Associado do Departamento de Comunicação Social da UFRN.

Cinema? Este pode ser fiel à obra em que se baseia ou pode/deve haver uma recriação? São perguntas que ainda não encontraram respostas satisfatórias.

Algumas conclusões, no entanto, já foram tiradas do que foi produzido e estudado. O realizador pode inspirar-se na obra literária e ser-lhe fiel; há, nesse caso, uma transposição de linguagem para linguagem. É difícil representar signos verbais visualmente com perfeição, pois no romance, o tempo é mostrado através de palavras e no cinema, com fatos. Foram feitas grandes adaptações de grandes criações literárias: *Hamlet*, *A besta humana*, *O morro dos ventos uivantes*, *O vermelho e o negro*, além de obras de aventura capa e espada, como *Os três mosqueteiros*. O segredo talvez seja o fato de que o adaptador deve usar a obra existente apenas como matéria prima de realidade bruta, considerando-a sob sua própria forma de arte, não devendo se ocupar da forma já conferida a essa realidade. No processo de transposição, podem ocorrer a existência de cortes e acréscimos ao original (redução e adição), um meio-termo (transformação) ou um deslocamento (alteração de ordem temporal).

André Bazin (1991, p. 25) defende o “cinema impuro”, ou seja, aquele filho de obras literárias:

Já se foram os tempos em que bastava fazer cinema para ter os méritos da sétima arte. Esperando que a cor ou o relevo dêem provisoriamente a primeira forma e criem um novo ciclo de erosão estética, o cinema não pode conquistar mais nada na superfície. [...] Virá talvez o tempo das ressurgências, isto é, de um cinema de novo independente do romance e do teatro. Talvez, porém, porque os romances serão inscritos diretamente em filmes. [...] O êxito do teatro filmado serve ao teatro, como a adaptação do romance serve à literatura: *Hamlet* na tela só pode aumentar o público de Shakespeare, um público que pelo menos em parte gostaria de escutá-lo no palco.

Os cineastas mais puristas contrapõem *Hamlet*, *Macbeth* e *Os miseráveis*, a *Em busca do ouro*, *Scarface a vergonha de uma nação*, *Encouraçado Potemkin*, obras primas do roteiro original para o cinema. Isso não esgota a discussão. Bazin compara o perigo das adaptações da Literatura para o Cinema com as traduções que podem desvirtuar a obra original, citando exemplo de boas adaptações entre literaturas, as traduções para o francês de Edgar Allan Poe feito por Baudelaire. O que deve ser observado na transposição para o Cinema é que o cuidado seja proporcional à

importância e complexidade da obra literária. O texto literário e o filme devem ser autônomos, cada um preservando a linguagem própria.

### **Shakespeare e o cinema**

A cronologia das peças de William Shakespeare é a seguinte:

1590-92 – *Henrique VI*; 1592-93 – *Ricardo III, Comédia de erros*; 1593-94 – *Tito Andrônico, A megera domada*; 1594-95 – *Os dois cavalheiros de Verona, Romeu e Julieta, Love Labors Lost*; 1595-96 – *Ricardo II, Sonho de uma noite de verão*; 1596-97 – *O mercador de Veneza*; 1597-98 – *Henrique IV*; 1598-99 – *Muito barulho por nada, Henrique V*; 1599-1600 – *Julio Cesar, As you like it, Noite de Reis*; 1600-01 – *As alegres comadres de Windsor, Hamlet*; 1601-02 – *Troilo e Cressida*; 1602-03 – *All's well that ends well*; 1604-1605 – *Measure for measure, Othello*; 1605-06 – *Rei Lear, Macbeth*; 1606-07 – *Antônio e Cleópatra*; 1607-1608 – *Coriolano*; 1608-09 – *Péricles*; 1609-10 – *Cymbeline*; 1610-11 – *Conto de inverno*; 1611-12 – *A tempestade*; 1613-14 – *Henrique VIII*.

A história em que Shakespeare se baseou para escrever *Hamlet* é muito antiga. As origens se encontram no norte da Europa com elementos do folclore irlandês, terminando na Dinamarca, onde se tornou parte da história local. Na segunda metade do século VII, incorporou-se à tradição escrita quando o escritor Saxo Grammaticus a contou na sua obra *Historia Danica*. A narrativa espalhou-se e, em 1514, foi impressa em Paris. Em 1576, François de Belleforest contou a história de Hamlet no 5º volume da série *Histoires Tragiques*.

Transcorrido na Dinamarca, é a história de como o Príncipe Hamlet tenta vingar a morte de seu pai assassinado por Cláudio (irmão do rei, tio de Hamlet), que o envenenou e em seguida tomou o trono casando-se com a mãe de Hamlet. A peça trata da loucura fingida ou real, explorando temas como a traição, vingança, incesto, corrupção e moralidade. Em virtude da sua estrutura dramática, *Hamlet* pode ser analisado, interpretado e sob vários ângulos, como por exemplo, a hesitação de Hamlet em matar seu tio. Tecnicamente pode ser uma estratégia para prolongar a ação do enredo, como pode ser também o resultado de complexas questões éticas e filosóficas que cercam o assassinato a sangue-frio. Psicanalistas examinaram a questão, enquanto feministas reavaliam e reabilitam o caráter de Ofélia e Gertrudes.

Além de Laurence Olivier, outros cineastas adaptaram peças de Shakespeare para o cinema: *Romeu e Julieta* (George Cukor, anos 40 e Franco Zefirelli, 1969); *Tempestade*, de Alberto Lattuada e *A Última tempestade*, do polêmico Peter Greenway, baseados em *A Tempestade. Muito barulho por nada*, de Kenneth Branagh, estrelado pelo próprio Branagh, Robert Sean Leonard e Emma Thompson. *Othello* (1948), dirigido e interpretado por Orson Welles e *Othello* (1995), com Laurence Fishburne e Irene Jacob, sob a direção de Oliver Parker. *Ran* (1985), de Akira Kurosawa, baseado em *Rei Lear. A megera domada* (*The taming of the shrew*, 1967) de Franco Zefirelli com Elizabeth Taylor e Richard Burton. *Amor Sublime Amor* (1961), de Robert Wise, musical baseado na peça da Broadway, inspirada em *Romeu e Julieta*. Compositores clássicos usaram a história de Romeu e Julieta em bailados e óperas. Laurence Olivier adaptou ainda para o cinema *Henrique V* (1944), com roteiro do próprio Olivier, Alan Dent, e Dallas Bower. No Brasil, o ator Sérgio Cardoso construiu um Hamlet que o consagrou nos palcos brasileiros.

### **O maior ator shakespeareano de língua inglesa**

Laurence Kerr Olivier, Barão Olivier de Brighton, nasceu em Dorking, Surrey, na Inglaterra, em 22 de maio de 1907. Alguns o consideram como o maior ator de língua inglesa de todos os tempos. Era filho de um pastor da igreja anglicana, e pisou no palco pela primeira vez aos 10 anos de idade, numa montagem amadora de *Júlio César*. Participou de 121 peças de teatro, apresentando-se em palcos da Inglaterra, de vários países da Europa e nos Estados Unidos da América. Fez 65 filmes, alguns deles também como diretor. Foi casado com a atriz Vivien Leigh de 1937 até a década de 60. Recebeu o primeiro Oscar em 1946, por sua atuação e direção em *Henrique V*. Em 1948, *Hamlet* arrebatou quatro Oscars: filme, ator principal (para Olivier), direção de arte e figurino. Em 1978 recebeu um Oscar especial pelo conjunto de sua obra e por sua contribuição à arte cinematográfica. Em 1970, a rainha Elizabeth II lhe outorgou o título de Lorde, com direito a frequentar o Parlamento britânico. Morreu em 11 de Julho de 1989 em Steyning, West Sussex, na Inglaterra, aos 82 anos, de câncer no estômago, dormindo em sua casa ao lado de sua terceira mulher, a atriz Joan Plowright com quem teve três filhos.

## Hamlet – o filme

A adaptação de Hamlet feita por Laurence Olivier em 1948 mantém a fidelidade ao original, com alguma “releitura”, respeitando os limites da linguagem cinematográfica. Em momento nenhum é teatro filmado, apesar de certos arroubos do diretor-ator em alguns “solos” que não destoam no geral.

Olivier alterou a ordem de algumas cenas, como o famoso “to be or not to be” (no original, parte da cena 1 do 3º ato, linhas 56 a 89), que vem no início da fita. Neste monólogo, e em mais alguns, o diretor utiliza a voz em *off*, recurso bem cinematográfico que evita a teatralização. A cena pode ser analisada semioticamente: para demonstrar a dúvida, incerteza e a “tempestade mental” do personagem, a câmara focaliza inicialmente o mar, aproxima-se da cabeça do personagem e desfoca a imagem, tendo início aí o monólogo.

Ao suprimir Guildenstern, Rosencrantz, Fortinbras e Reynaldo, Olivier atraiu a ira de alguns puristas, que o acusaram de iconoclasta. Na verdade, a exclusão não influenciou o resultado final, tendo em vista a duração original da peça, que, na adaptação para o cinema, poderia aborrecer o espectador se fosse longo demais. O coveiro, um dos melhores personagens cômicos de Shakespeare, serve como ponto de partida para um exercício de virtuosismo do diretor: a sombra de Hamlet se aproxima da cova, cobre a caveira colocada no chão, exatamente na altura da cabeça do príncipe, numa premonição do trágico destino que o aguarda dentro de momentos.

No plano da estética cinematográfica, o uso da profundidade de campo em muitas cenas enfatiza a linguagem cinematográfica, fazendo o espectador perceber que está diante de uma obra fílmica, apesar de que o domínio visual de todo o cenário, através do recurso mencionado, lembra o cenário teatral. Desde *Cidadão Kane*, de Orson Welles, o **deep focus** não havia sido utilizado com tanta perfeição. O fotógrafo Desmond Dickinson passeia com a câmara pelos cenários de Roger Furse como se estivesse penetrando, escondido, na intimidade dos personagens e acontecimentos.

Detalhe sutil: no final, quando “os quatro capitães levam Hamlet como a um soldado”, a câmara sobe pelos degraus do castelo explorando inicialmente a capela onde o rei estivera rezando antes da viagem de Hamlet à Inglaterra. Na ocasião, Hamlet não o matou, concluindo assim a vingança, porque se o fizesse enquanto Claudius orasse, este

iria para o Céu, e não era essa a intenção; Hamlet queria mandá-lo para o Inferno pelo assassinato do pai.

Atores de formação shakespeariana dão vida ao texto, principalmente nos monólogos e em passagens como a fala do fantasma do rei (ghost):

[...]

*I am thy father's spirit*

*Doomed for a certain term to walk the night,*

*And for the day confined to fast in fires,*

*Till the foul crimes done in my days of nature*

*Are burnt and purged away*

[...]

A **peça dentro da peça** (play-within-the-play) tem a função dramática de fazer Claudius trair-se como assassino do pai de Hamlet. Nesta passagem, Hamlet confunde-se com Laurence Olivier, o diretor do filme, ao dar instruções aos atores sobre como atuar à noite para os convidados. *Hamlet* não é somente a melhor peça de William Shakespeare já filmada, mas um dos filmes presentes em quase todas as listas dos melhores do mundo em todos os tempos.

### **Ficha técnica**

Elenco:

John Laurie - Francisco; Jennifer Jones - Ophelia; Esmond Knight - Bernardo; Anthony Quayle - Marcellus; Niall MacGinnis - capitão; Harcourt Williams, Patrick Troughton, Tony Tarver - atores da play-within-the-play; Peter Cushing - Osric, mordomo da Corte; Stanley Holloway - Coveiro; Russell Thorndike - Padre; Basil Sydney - Claudius, o rei; Eileen Herlie - Gertrude, a rainha; Laurence Olivier - Hamlet, Príncipe da Dinamarca; Norman Wooland - Horatio, amigo de Hamlet; Felix Aylmer - Polonius, Lord Chamberlain. Direção e Produção - Laurence Olivier. Roteiro - Alan Dent. Fotografia - Desmond Dickinson. Música - William Walton, regida por Muir Mathieson. Cenário - Roger Furse. Relançamento no Brasil em 1987.

## Referências

- BAZIN, André. *O Cinema: ensaios*. São Paulo: Editora Brasiliense, 1991. 326 p.
- BETTON, Gerard. *Estética do cinema*. São Paulo: Martins Fontes, 1987. 120 p.
- BURGESS, Anthony. *A literatura inglesa*. São Paulo: Editora Ática, 1999, 310 p.
- ECO, Umberto. *Cine y literatura: la estructura de la trama*. Barcelona: Martinez Roca, 1970.
- OLIVIER, Laurence. *Confessions of an Actor*. New York: Simon and Schuster. 174 p.
- SADOUL, Georges. *História do cinema mundial*. Rio de Janeiro: Martins Editora, 1953.
- SKLAR, Robert. *História social do cinema americano*. São Paulo: Editora Cultrix, 1978. 390 p.
- WILSON, John Burgess. *English literature*. Londres: Longmans, 1969, 350 p.